



GILBERTO FREYRE E O ENSAIO HUMANISTA HISPÂNICO

GILBERTO FREYRE Y EL ENSAYO HUMANISTA HISPÁNICO

Eduardo Cesar Maia
Ferreira Filho*

* eduardo.ferreirafo@ufpe.br
Professor de Comunicação e Literatura da Universidade Federal
de Pernambuco.

RESUMO: O artigo trata da influência da tradição intelectual humanista hispânica na forma ensaística particularíssima plasmada pelo sociólogo e pensador pernambucano Gilberto Freyre em livros e artigos. Observaremos, portanto, considerando em primeiro lugar a legitimidade intelectual e o valor cognitivo da referida tradição – como meio especulativo alternativo aos padrões metodológicos universitários e à filosofia de índole racionalista platônico-cartesiana –, o estilo que Freyre desenvolveu como escritor-ensaísta. Examinaremos o caráter personalista de sua prosa, que se refletia na valoração de uma perspectiva impressionista, atenta e sensível ao individual e ao concreto. Na mesma linha, investigaremos, ainda, seu método *narrativo* de se aproximar dos fenômenos sociais, apresentar fatos históricos e construir interpretações gerais dos fenômenos, ora tencionando e ora conciliando saberes científicos e humanísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Freyre; Ensaio; Humanismo; Filosofia; Literatura; Retórica

RESUMEN: El artículo trata de la influencia de la tradición intelectual humanista hispánica en la forma ensayística muy particular forjada por el sociólogo y pensador pernambucano Gilberto Freyre en libros y artículos. Por tanto, observaremos, en primer lugar, la legitimidad intelectual y el valor cognitivo de esa tradición –como medio especulativo alternativo a los estándares metodológicos universitarios y a la filosofía racionalista platónico-cartesiana–, el estilo que desarrolló Freyre como escritor-ensayista. Examinaremos el carácter personalista de su prosa, que se reflejó en la valoración de una perspectiva impresionista, atenta y sensible a lo individual y a lo concreto. En la misma línea, también indagaremos respecto a su método narrativo de abordar los fenómenos sociales, presentando hechos históricos y construyendo interpretaciones generales de los fenómenos, a veces antagonizando y otras conciliando conocimientos científicos y humanísticos.

PALABRAS-CLAVE: Gilberto Freyre; Ensayo; Humanismo; Filosofía; Literatura; Retórica

Con mayor razón habrá de hacerse así en ensayos de este género, donde las doctrinas, bien que convicciones científicas para el autor, no pretenden ser recibidas por el lector como verdades. Yo sólo ofrezco ‘modi res considerandi’, posibles maneras nuevas de mirar las cosas. Invito al lector a que las ensaye por sí mismo; que experimente si, en efecto, proporcionan visiones fecundas; él, pues, en virtud de su íntima y leal experiencia, probará su verdad o su error. En mi intención llevan estas ideas un oficio menos grave que el científico; no han de obstinarse en que otros las adopten, sino meramente quisieran despertar en almas hermanas otros pensamientos hermanos.

(José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote: Obras Completas*, Tomo I, p. 753).¹

Não sei se é o mais adequado começar um artigo com a citação de um trecho tirado de um obituário, mas não encontrei melhor maneira de ir direto ao ponto que desenvolverei mais adiante nestas páginas. Trata-se de um bonito depoimento, intitulado “Adiós a Gilberto Freyre”, publicado em jornal pelo filósofo espanhol Julián Marías (1914-2005):

Conheci-o há muitos anos, quase por acaso, em Heidelberg, em cuja velha universidade nos encontramos para dar umas conferências. Havia estado não muito antes em Madrid, onde

não o conheci por estar ausente. Contou-me que, quando lhe ofereceram um modesto honorário por uma conferência, pediu, em vez disso, os volumes então publicados da edição de minhas “Obras”. Comoveu-me essa demonstração de interesse, nunca desmentido, desde a introdução que escreveu à tradução portuguesa da “Estructura social” até o comentário que dedicou, ano passado, já velho e com a saúde fragilizada, a “España inteligible”. Porque Gilberto Freyre, tão brasileiro, tão pernambucano, se sentia radicalmente hispânico – um de seus livros é intitulado “O brasileiro entre os outros hispanos” – e nada em nossa língua lhe era alheio. (Marías, 1987, p. 5).²

Julián Marías, natural de Valladolid, foi discípulo destacado de José Ortega y Gasset e manteve por décadas uma relação intelectual e de amizade com o personagem homenageado no necrológio. Não foi ele, no entanto, o único a reconhecer a profunda afinidade entre Gilberto Freyre (1900-1987) e o mundo cultural espanhol e ibérico.

Em artigo sobre a influência do pensamento hispânico na obra do escritor e ensaísta pernambucano, Elide Rugai Bastos, socióloga e professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (IFCH/Unicamp), observa, com razão, que apesar de vários estudos tratarem da influência de pensadores e escritores espanhóis sobre intelectuais latino-americanos, dispomos

1. Todas a traduções neste texto foram realizadas pelo autor: “Ainda mais em ensaios deste gênero, em que as doutrinas, embora convicções científicas para o autor, não pretendem ser recebidas pelo leitor como verdades. Eu só ofereço ‘modi res considerandi’, possíveis novas formas de ver as coisas. Convido o leitor a ensaiá-las por si mesmo; que experimente se, de fato, proporcionam visões férteis; ele, portanto, em virtude de sua experiência íntima e leal, provará sua verdade ou seu erro. Na minha intenção, essas ideias carregam uma tarefa menos séria do que a do cientista; não devem ser obstinadas em fazer com que outros as adotem, mas apenas desejam despertar nas almas irmãs outros pensamentos irmãos”.

2. No original: “Lo conocí hace muchos años, casi por azar, en Heidelberg, en cuya vieja universidad coincidimos para dar unas conferencias. Había estado no mucho antes en Madrid, donde no lo había conocido por estar yo ausente. Me contó que, cuando le ofrecieron un modesto honorario por una conferencia, pidió en vez de ello los volúmenes entonces publicados de la edición de mis “Obras”. Me conmovió esa muestra de interés, nunca desmentido, desde la introducción que escribió a la traducción portuguesa de la “Estructura social” hasta el comentario que dedicó el año pasado, ya viejo y con la salud quebrantada, a “España inteligible”. Porque Gilberto Freyre, tan brasileño, tan pernambucano, se sentía radicalmente hispano – uno de sus libros se titula “O brasileiro entre os outros hispanos” – y nada en nuestra lengua le era ajeno”.

até nossos dias de parca bibliografia sobre como esses autores e suas ideias circularam no âmbito cultural brasileiro. Para Rugai Bastos:

[...] é necessário destacar a importância do pensamento hispânico tanto na interpretação do país como na condução de algumas ideias políticas, pois essa inspiração alcançou um número considerável de intelectuais brasileiros que não só refletiram sobre a formação nacional, como também desempenharam um papel de destaque nas instituições públicas: Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Almir de Andrade e Paulo Augusto Figueiredo, articulistas da revista *Cultura Política*, publicada pelo Estado Novo; além disso, de alguns intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), entre os quais destaco Hélio Jaguaribe, apenas para citar alguns. (Bastos, 2006, p. 295).³

Décadas antes, em 1975, a própria professora Rugai Bastos já começara a explorar tal lacuna em *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. Nesse livro incontornável para o tema a que pretendemos nos ater nestas páginas, a autora detalha, examinando particularmente a obra de um dos mais importantes ensaístas e intérpretes da formação nacional brasileira, a influência, tanto estilística quanto conceitual, que Freyre absorvera da tradição intelectual e literária hispânica.

Outro trabalho relevante que trata da influência hispânica no pensador pernambucano é o livro *O monóculo & o calidoscópio*, do ensaísta e romancista Cláudio Aguiar. Fundamentalmente, em um capítulo intitulado “Gilberto Freyre e os hispanos”, Aguiar (2009) começa apontando, de maneira sucinta, a relação geral entre Freyre e o mundo cultural espanhol para, logo em seguida, dedicar-se de forma mais detalhada a destrinchar a influência do pensamento de Dom Miguel de Unamuno na obra e no estilo literários do sociólogo brasileiro.

O próprio Gilberto Freyre, por diversas vezes, em seus ensaios, cartas e diários, mencionou a dúvida intelectual que possuía com essa tradição, à qual se referiu em *Insurgências e ressurgências atuais* como “lúcido humanismo espanhol — ou, por extensão, hispânico — desde os Gracián aos Ortegas e dos Ortega aos Julián Marías” (Freyre, 1981, p. 61). Essa particular vertente do humanismo, segue Freyre, apresentava

uma sensibilidade à razão-logos dos gregos. Perspectiva a não ser, de modo algum, confundida com o cartesianismo hirtamente racionalista, na própria França corrigido por Montaigne, por Pascal e, em dias de modernos por Bergson, continuado por pensadores sociais modernos. (Freyre, 1981, p. 61).

3. No original: “[...] es necesario destacar la importancia del pensamiento hispánico tanto en la interpretación de país como en la conducción de algunas ideas políticas, pues esa inspiración alcanzó un número considerable de intelectuales brasileños que no sólo reflexionaron sobre la formación nacional sino que también desempeñaron un papel destacado en las instituciones públicas: Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Almir de Andrade y Paulo Augusto Figueiredo, articulistas de la revista *Cultura Política*, publicada por el Estado Novo; además de algunos intelectuales del Instituto Superior de Estudios Brasileiros (Iseb), entre los que destaco a Hélio Jaguaribe, apenas por citar algunos”.

Com efeito, como será mostrado mais à frente, Freyre menciona muitas vezes a relação entre seu pensamento — o que engloba também seu *método* — e seu essencial pertencimento a uma determinada vertente, que poderíamos chamar de retórico-humanista, da tradição intelectual ibérica, que marcaria, segundo ele, (1) o estilo que desenvolveu como escritor-ensaísta; (2) o personalismo crítico presente em tudo que escrevia, e que se refletia na valoração de uma perspectiva impressionista, da sensibilidade ao individual e ao concreto; e, por fim, (3) seu método *narrativo* de se aproximar dos fenômenos sociais, apresentar fatos históricos e construir interpretações gerais dos fenômenos, ora tencionando e ora conciliando saberes científicos e humanísticos. Nesse sentido, vale destacar uma citação mais longa:

São saberes — o científico e o humanístico — para alguns, inconciliáveis. Para outros, conciliáveis. Nas chamadas ciências do homem, conciliáveis. São os exemplos deixados sobretudo por esses sociólogos e antropólogos, entre os primeiros o próprio Durkheim no seu estudo do suicídio, e entre os antropólogos Redfield em seus estudos de antropologia aplicada, e o brasileiro Euclides da Cunha em *Os sertões*. E uma conciliação por meios que alguns cientistas de todo objetivos não aceitam, como é o da compreensão por empatia tão ligada à compreensão que só se adquire vivendo-se o assunto abordado. (Freyre, 1981, p. 66-7).

Um pouco mais adiante, Freyre passa a referir-se a si mesmo dentro dessa perspectiva:

Sou dos que, ora seguindo exemplos como o de Simmel, vêm um tanto pionieramente, sendo um tanto aventureiros nos seus modos de, em ciências do homem, ora ligando umas às outras, desprezando purismos ou exclusivismos de especialização intracientífica, ora indo além e abrindo dessa abordagem interdisciplinar dentro das ciências outra mais aventureira: com a complementação da abordagem científico-social, no trato de um assunto, pela abordagem humanística ou filosófica ou artística, recorrendo então à empatia. À identificação do observador com o assunto por ele considerado, observado, analisado. (Freyre, 1981, p. 67).

No livro *O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações*, Freyre reuniu textos em que reflete sobre essas relações, influências e potencialidades. Interessa, em especial, nessa obra, a visão que Freyre desenvolve sobre a particularidade das ciências humanas dentro da tradição hispânica, e a possível contribuição dessa maneira peculiar de compreensão dos estudos humanísticos para as ciências sociais de nossos dias.

Mais recentemente, em junho de 2021, foi defendida na *Universidad de Salamanca*, Espanha, uma tese doutoral

sobre a “constante iberista” na obra e no pensamento de Freyre. Nesse consistente trabalho acadêmico, fruto de uma pesquisa muito bem detalhada e documentada, Pablo González-Velasco defende a perspectiva de que

A vontade e perspectiva iberista sempre esteve presente em sua análise histórica, cultural, linguística e literária, como demonstram suas ideias sobre o “dom-juanismo”, o regionalismo, o bilinguismo, o misticismo e o ensaísmo. No entanto, manteve certas ambiguidades iberistas – na perspectiva antropológica e geopolítica – até a metade da década de cinquenta, momento em que – finalmente – Gilberto Freyre confirma seu iberismo antropológico e geopolítico e desenvolve seu iberismo filosófico. (González-Velasco, 2021, p. 393).⁴

Um outro ponto destacado no estudo de González-Velasco, e que interessa ao propósito central deste artigo, é o de que o ensaísta pernambucano herda dos humanistas espanhóis uma forma de pensar – de *meditación*, diria José Ortega y Gasset – que se traduz numa abordagem metodológica eclética e pluralista, na vocação interdisciplinar e na fértil interação e compatibilidade entre o conhecimento científico rigoroso e aqueles saberes humanísticos – literários, artísticos e culturais – muitas vezes desprezados no âmbito científico-filosófico. Conforme o autor de *Além do apenas moderno*, em artigo no Diário

de Pernambuco, “Sempre teve entre espanhóis a meditação filosófica: menos a dos filósofos convencionais ou sistemáticos que a dos pensadores livres e disfarçados em ensaístas ou alongados em místicos” (Freyre, 1951, p. 4).

E o que mais se pode dizer sobre o tema da relação de Gilberto Freyre com o mundo hispânico? Há ainda algo que falte aprofundar ou reavaliar? A hipótese que começo a desenvolver a partir deste artigo é a de que a resposta a tais perguntas é positiva e promissora, mas sua compreensão depende não somente de uma renovada perspectiva hermenêutica sobre as influências e o legado intelectual de Gilberto Freyre, e sim, além disso, de uma maneira *filosoficamente* redimensionada de considerar a tradição intelectual hispânica em sua vocação eminentemente ensaística e, particularmente, em sua vertente retórica e humanista.

1. UM PONTO DE PARTIDA TEÓRICO: ASPECTOS DE UMA TRADIÇÃO VELADA

O presente trabalho marca o início de uma nova pesquisa que tem como ponto de partida teórico hipóteses e concepções que já venho desenvolvendo em publicações acadêmicas, ensaios e conferências. De maneira muito sucinta, essas ideias se centram, fundamentalmente, na discussão a respeito das possíveis contribuições de uma

determinada vertente da tradição intelectual humanista e de seus valores para o debate intelectual contemporâneo, tomando como eixo uma concepção de *humanismo filosófico* particular, de caráter anti-idealista e eminentemente retórico-literário, pouco difundida e estudada no âmbito filosófico acadêmico. Para tanto, tenho reconsiderado o legado literário e filosófico de pensadores e ensaístas espanhóis como Miguel de Unamuno, José Ortega y Gasset e María Zambrano. Além disso, é importante mencionar, para uma compreensão filosoficamente embasada dessa versão retórica e antiplatônica do Humanismo, as investigações do filósofo italiano Ernesto Grassi (sobre quem falaremos mais adiante), que partiram de uma nova compreensão da dimensão propriamente filosófica de autores como Dante, Petrarca, Quintiliano, Cícero, Angelo Poliziano, Coluccio Salutati, Lorenzo Valla, Albertino Mussato, Leonardo Bruni e, principalmente, Giambattista Vico.

A perspectiva que venho desenvolvendo dialoga diretamente, ainda, com as investigações de pensadores espanhóis contemporâneos como Francisco José Martín, professor da *Università di Torino*, Itália, e um dos mais interessantes e heterodoxos intérpretes do pensamento orteguiano na atualidade; e Jéssica Sánchez Espillaque, professora de Filosofia na *Universidad de Sevilla*, Espanha, cujo trabalho se centra no problema das Humanidades,

no Humanismo renascentista e na atualidade da perspectiva humanista na Teoria do Conhecimento. A partir da influência essencial do já mencionado Ernesto Grassi, Martín e Sánchez Espillaque proporcionam um novo olhar sobre a tradição intelectual na qual estão inseridos, considerada desde sempre periférica em relação ao cânone filosófico ocidental. Esse olhar renovado parte justamente da consideração do humanismo literário e retórico espanhol dentro de uma perspectiva genuinamente filosófica e especulativa.

Parte-se aqui, neste esforço de tentar repensar a obra e o estilo literário de Gilberto Freyre, da consideração de que é necessário pôr em evidência a legitimidade intelectual e o valor cognitivo de uma forma de especulação intelectual e de produção de inteligibilidades de mundo alternativas ao padrão da filosofia racionalista tradicional e das metodologias científicas hegemônicas na modernidade. Nesse modo *outro* de pensar, se revela um ideal de integração entre literatura, retórica e filosofia, entre o *metafórico* e o *conceitual*. Em termos mais orteguianos, é possível falar da tensão – muito produtiva especulativamente – que se produz entre a “vontade de conceito” e a “vontade de estilo”. Essas “vontades”, em ensaístas como o próprio Ortega ou o Mestre de Apipucos, não são incompatíveis, mas auxiliares uma à outra.

5. Os manuais tradicionais quase sempre associam a Tradição Humanista quase que exclusivamente ao período renascentista. No entanto, será fracassada a tentativa de enxergar o humanismo como um conceito unívoco, constante e imutável, ou, como é bastante recorrente, reduzi-lo historicamente ao contexto do Renascimento Italiano. Durante vários momentos da história, características e ideais humanísticos foram associados às mais diversas correntes de pensamento, à religião (teologia), à arte ou mesmo a programas políticos e ideológicos.
6. No original: "Es [...] el lenguaje, en última instancia, el que permite el establecimiento del mundo. Sin el lenguaje no hay mundo sino absoluto caos, un continuo indiferenciado y, a la vez, lleno de pequeñas y sutiles diferencias, del que no es posible escapar".

Nesse sentido, é importante enfatizar uma vez mais que esta particular vertente humanista de filosofia não só se opõe, como se costuma estabelecer didaticamente nos manuais de historiografia filosófica,⁵ ao pensamento escolástico medieval: ela também vai por um caminho distinto ao da principal tradição filosófica da Modernidade, o racionalismo idealista de raiz platônico-cartesiana, que caracteriza – e limita – a filosofia como uma busca rigorosa de verdades universais, necessárias, objetivas e impessoais.

Para esclarecer um pouco melhor a concepção de filosofia proposta aqui, começo destacando a premissa colocada pelo professor Francisco José Martín: "É [...] a linguagem, em última instância, que permite o estabelecimento do mundo. Sem a linguagem não há mundo, apenas o absoluto caos, um contínuo indiferenciado e, ao mesmo tempo, cheio de pequenas e sutis diferenças, do qual não é possível escapar" (Martín, 1999, p. 285).⁶

Assim, a proposta de uma filosofia humanista de orientação não racionalista, que se baseia no estudo da retórica e da literatura compreendidas em suas potencialidades de criação e de inteligibilidade do mundo, a partir do entendimento da palavra humana como doadora de significados contingentes (e não universais), dependentes de cada

contexto existencial, é uma visão radicalmente diferente no que diz respeito ao que se entende como conhecimento filosófico válido e ao que é, normalmente, associado à atividade filosófica em si mesma.

No passado, a caracterização dos filósofos humanistas como *somente* gramáticos ou filólogos era relativamente comum, porque não era possível enquadrá-los nos moldes filosóficos tradicionais. No entanto, dentro da vertente que apresentamos, filosofia e filologia aparecem como irmãs – talvez gêmeas, como sugeriu Unamuno: formas de conhecimento que se desenvolvem a partir de uma radical atenção ao problema da palavra em seu uso concreto, situacional, e no reconhecimento de que, segundo Martín, "A linguagem não é suporte do pensamento, mas o pensamento ele mesmo" (Martín, 1999, p. 189).⁷ Sánchez Espillaque explica que

[...] como o mundo humano representa pura mudança e devir, só pode ser conhecido por meio de um saber que também seja variável, visto que, como já analisamos, a linguagem racional e abstrata se manifesta insuficiente para penetrar na historicidade dos problemas humanos. Motivo pelo qual podemos concluir que, para que a filosofia possa responder ao aqui e agora, ela deve ser retórica, já que esta sim leva em consideração as situações concretas. A tarefa da retórica consiste em responder

7. No original: "El lenguaje no es soporte del pensamiento, sino el pensamiento mismo".

8. No original: "[...] como el mundo humano representa puro cambio y devenir, sólo puede ser conocido a través de un saber que también sea variable, puesto que, como ya hemos analizado, el lenguaje racional y abstracto se manifiesta insuficiente para penetrar en la historicidad de los problemas humanos. Motivo por el que podemos concluir que para que la filosofía pueda responder al aquí y al ahora ha de ser retórica, ya que ésta sí tiene en cuenta las situaciones concretas. La tarea de la retórica consiste en responder a situaciones siempre nuevas ante las que tiene que ir inventando. En cambio, la filosofía racional trata de conseguir respuestas universalmente válidas".

9. No original: "Gran parte del trabajo de los humanistas era erudito o literario, más que filosófico, incluso en el sentido más amplio de la palabra; y muchos de los humanistas, sabios o escritores, no contribuyeron significativamente tampoco a esa rama de la filosofía que se considera cercana a su campo: la ética".

a situações sempre novas, diante das quais tem de seguir inventando. A filosofia racional, por sua vez, trata de conseguir respostas universalmente válidas. (Espillaque, 2019, p. 19).⁸

Essa perspectiva marcadamente humanista — um humanismo não idealista, reiteramos — foi em grande medida ignorada dentro do contexto da filosofia moderna; no melhor dos casos, ela foi reconhecida simplesmente como uma tradição retórico-literária sem nenhum valor especulativo ou rigor metodológico. O filósofo e historiador germânico Paul Oskar Kristeller, por exemplo, seguindo a rigidez da tradição filosófica de base racionalista, assumia que

Grande parte do trabalho dos humanistas era erudito ou literário, mais que filosófico, inclusive no sentido mais amplo da palavra; e muitos dos humanistas, sábios ou escritores tampouco contribuíram significativamente a essa vertente da filosofia que se considera próxima a seu campo: a ética. (Kristeller, 1970, p. 15).⁹

O depoimento acima é apenas um exemplo de uma tendência mais geral. Nota-se que, mesmo entre os estudiosos especializados no tema, aparece com frequência a afirmação categórica que atribui escassa relevância propriamente filosófica ao humanismo. No entanto, como já deixamos entrever, essa não é uma questão fechada e

resolvida: há visões distintas e perspectivas teóricas que contradizem frontalmente essa concepção hegemônica; e será através desses caminhos alternativos que buscaremos nos orientar ao tentar recolocar os termos da discussão a respeito da influência hispânica no ensaísta — escritor e pensador — Gilberto Freyre. É certo que Freyre não pode ser classificado, ao menos não técnica e academicamente, como *filósofo*; trata-se como se sabe, de um intelectual que transitou nos âmbitos da sociologia, da antropologia, da história, do jornalismo, da crítica literária. No entanto, o que queremos destacar aqui é, justamente, que, a partir da perspectiva da tradição intelectual humanista e retórica, o ensaio de Freyre pode ser considerado em seu alcance propriamente cognitivo e filosófico.

Antes, uma última advertência para concluir este breve resumo sobre como se configura essa visão alternativa sobre a tradição intelectual humanista; gostaria de enfatizar um ponto que pode parecer, em princípio, paradoxal: talvez as “debilidades” que os opositores ao humanismo costumam atribuir a essa tradição – a falta de preceitos fixos, de normas ou regras universalmente aplicáveis; a variedade extrema de suas configurações (e mesmo a contradição entre elas) nas diferentes épocas; e a aversão ao estabelecimento de dogmas metodológicos e afiliações ideológicas unilaterais – possam ser vistas, sob

outro prisma, como “potencialidades”: como manifestação plural e resistente que pode ser encontrada em vários períodos históricos, já que suas próprias características a capacitam com uma adaptabilidade e uma vitalidade sempre renováveis.

2. GILBERTO FREYRE E O ENSAÍSMO HUMANISTA ESPANHOL

El ensayo es la ciencia, menos la prueba explícita.

(José Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*, 1914).¹⁰

La estructura dramática de todo decir –conferencia, artículo, ensayo, libro– va a ser requisito insoslayable, factor necesario de su verdad y de su eficacia comunicativa.

(Julián Marías, no Prólogo à terceira edição das *Meditaciones del Quijote*, de José Ortega y Gasset).¹¹

Depois das considerações de natureza mais teórica, voltemos ao nosso propósito original. Tenhamos mais uma vez em conta algo que diz Freyre sobre si mesmo:

Não sou escritor – se é que sou escritor – fácil de ser classificado; e nisto talvez seja caricaturalmente ibérico. [...] Confesso-me

anárquico, um tanto personalista, um tanto impuro, um tanto contraditório, um tanto desordenado e, nestes defeitos, uma caricatura daqueles escritores ibéricos ainda hoje inclassificáveis [...]. (Freyre, 1980, p. 16).

Observe-se o tom e o uso de termos que, em princípio, poderiam conotar uma visão negativa de si e da cultura ibérica: “contraditório”, “desordenado”, “defeitos”, “caricatura”, “personalista”, etc. No entanto, a retórica freyriana inverte toda a percepção construída com a palavra final: “inclassificáveis”. Aqui, a ideia de que um escritor de filiação ibérica não obedece a moldes prévios, a regras de estilo, a normas ou orientações metodológicas padronizáveis é evidentemente parte de uma autoimagem positiva: autônoma, criativa e libertária.

Em outro momento, tentando justificar o estilo digressivo e o caráter indisciplinado de sua prosa ensaística, de sua metodologia de investigação e de sua maneira *sui generis* de se aproximar de seus objetos de estudo, Freyre revela mais uma afinidade com a tradição intelectual hispânica:

O hispano é escritor, sendo principalmente pessoa ou sobretudo homem: um homem que ajusta a palavra à sua personalidade em vez de ajustar a personalidade a qualquer conjunto de

convenções de arte literária tidas por essenciais à consagração de um homem especificamente de Letras. (Freyre, 1980, p. 27).

A identificação de si mesmo como pertencente à tradição cultural e intelectual espanhola é, ao mesmo tempo, uma maneira de (auto) justificação teórica e (auto) defesa metodológica, além, claro, de uma apologia de sua vocação *estilística*:

Que escritor pode haver sem forma? Sem plástica? Sem ritmo? Eu vou chegando a uma forma nova em língua portuguesa, que é diferente das antigas, sem deixar de ter o ritmo tradicional das prosas portuguesas; que exprime uma personalidade ao mesmo tempo moderna e castiça até na pontuação; e que a exprime de modo contagioso. Daí as imitações. Hei de criar um estilo. E dentro desse estilo, desde que me repugna inventar, como nas novelas e nos dramas, que escreverei? Talvez a continuação dos meus primeiros esforços de ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo (“l'*histoire intime... roman vrai*”, como dizem os Goncourt) até esse passado tornar-se carne. Vida. Superação de tempo. (Freyre, 2006, p. 248).

A respeito de um de seus trabalhos mais conhecidos, *Casa grande & senzala*, por exemplo, Freyre destacou, na conferência “Cultura e museus”, a interpenetração das ideias e das formas como elemento central e

originalíssimo. A indissociabilidade que ele defende no trecho a seguir, entre o que dizer e o como dizer, será a marca maior da influência do da tradição ensaística do humanismo hispânico em sua escrita e pensamento:

Creio que o principal pioneirismo do livro *Casa-grande & senzala* está no seguinte: na metodologia. Não separo metodologia do conteúdo, nem forma de conteúdo. Creio que é uma separação arbitrária. Um método já é parte de um livro; já é parte do conteúdo do livro. A linguagem já é parte do conteúdo do livro. A palavra, a imagem, já é parte do livro. Creio que *Casa-grande* é um livro de palavras e imagens, sem palavras abstratas. (Freyre, 1985, p. 32).

Em *O brasileiro entre outros hispanos*, chega ao ápice a autoconsciência de que o pertencimento cultural e afetivo ao mundo hispânico não se resume à influência recebida de escritores, pensadores e ensaístas: sua dívida intelectual se traduz no modo como *pensa e investiga a realidade social e humana*:

São vários, na verdade, os neo-hispanos que continuam a pertencer, no Brasil, como outros países da América Hispânica, ao número de homens de estudo especializados na análise quanto possível científica do social, do cultural, do humano, que pretendem ser também Humanistas, Escritores, Pensadores. E

como tal, procuram às vezes, por aquele conhecimento poético e até novelístico da realidade social [...] alongar ou aprofundar o científico. Os que assim procedem, procedem de um modo tradicionalmente hispânico. (Freyre, 1975, p. 89).

Podemos inferir, na fina sintonia entre Freyre e o mundo intelectual hispânico, toda uma peculiar compreensão a respeito da atividade do pensamento: o indivíduo pensa respondendo às interpelações de sua circunstância, do seu aqui e agora; e, ainda mais fundamentalmente, vê-se compelido a dar sentidos – ainda que provisórios e contingentes – ao mundo a partir de sua particular e intransferível perspectiva. O estilo verdadeiramente ensaístico revela que a tensão insuperável entre os elementos subjetivos e objetivos do discurso é uma característica essencial de sua maneira de pensar e narrar aquilo que pensa. Tomemos um exemplo concreto dessa visão larga e antidogmática na obra do ensaísta pernambucano:

É tempo de procurarmos ver na formação brasileira a série de desajustamentos profundos, ao lado dos ajustamentos e dos equilíbrios. E de vê-los em conjunto, desembaraçando-nos de pontos de vista estreitos e de ânsias de conclusão interessada. Do estreito ponto de vista econômico, ora tão em moda, como do estreito ponto de vista político [...]. O humano só pode ser compreendido pelo humano – até onde pode ser

compreendido; e compreensão importa em maior ou menor sacrifício da objetividade à subjetividade. Pois tratando-se de passado humano, há que deixar-se espaço para a dúvida e até para o mistério. (Freyre, 2002, p. 20).

Não se trata, porém, de cair na armadilha pseudopoética de flutuar numa espécie de lirismo irracionalista ou na prisão idealista do subjetivismo radical, mas tampouco se trata de emular, no campo dos saberes humanísticos, o estilo seco, neutro, pretensamente objetivista e padronizado do discurso lógico-formal. Segundo o hispanista Thomas Mermall, o ensaísmo de índole humanista se caracteriza por manter

Uma tensão ou interdependência entre a sequência lógica autônoma de conceito e a experiência e impressão pessoais desses conceitos; sua estrutura se baseia, portanto, na interdependência de observação e introspecção, intuição e lógica, imaginação e intelecto, provas implícitas e explícitas. (Mermall, 1978, p. 11).¹²

Revela-se em Freyre, ainda, a tentativa de trilhar um caminho – de matiz muito orteguiano – que o leva muitas vezes a adotar uma forma de pensar que abandona a pretensão do conhecimento *sub specie aeternitatis*, assumindo um modo de intelecção *sub specie instantis* através do exercício, sempre provisório e nunca definitivo, de uma espécie de razão narrativa retórico-metafórica, que evidentemente

12. No original: "Una tensión o interdependencia entre la secuencia lógica autónoma de concepto y la experiencia e impresión personales de estos conceptos; su estructura se basa por lo tanto en la interdependencia de observación e introspección, intuición y lógica, imaginación e intelecto, pruebas implícitas y explícitas".

se diferencia dos modelos hegemônicos de compreensão da racionalidade, mesmo no âmbito das ciências sociais e humanas. Isso explica, pelo menos em parte, a resistência que a academia brasileira, principalmente no campo da Sociologia, oferece ao seu legado – mas é evidente que cooperam nessa aversão outros fatores, principalmente os de natureza político-ideológica. Por outro lado, parece clara, também, a marca incontornável do autor no pensamento social brasileiro e a grande influência que vem exercendo em intelectuais, acadêmicos ou não, até nossos dias.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. **O monóculo & o calidoscópio**: Gilberto Freyre, escritor – algumas influências. Recife: Editora Massangana, 2009.
- BASTOS, E. R. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico**: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno. São Paulo: Edusc, 2003.
- FREYRE, G. O exemplo que nos vem das Espanhas. **Diário de Pernambuco**, Recife, 9 mar. 1951, p. 4. Disponível em: [EM TESE](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/doctreader.aspx?bib=029033_13&pasta=ano%20195&pesq=%220%20exemplo%20que%20nos%20vem%20das%20Espanhas%22&pagfis=5598%3E%20%C3%99ultimo%20acesso%20em:%2020/01/23. Último acesso em: 20/01/2023</p>
<p>FREYRE, G. O brasileiro entre outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1975.</p>
<p>FREYRE, G. Gilberto Freyre, Seleta. 3º ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.</p>
<p>FREYRE, G. Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sines e nãos num mundo em transição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1981.</p>
<p>FREYRE, G. Cultura e museus. Recife: Fundarpe, 1985.</p>
<p>FREYRE, G. Sobrados e mucambos. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.</p>
<p>FREYRE, G. Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade [1915-1930]. 2ª ed. São Paulo: Global, 2006.</p>
<p>GONZÁLEZ-VELASCO, P. Gilberto Freyre y España: La constante iberista en su vida y obra. 2021. 421 f. Tese (Programa de Doctorado em Ciencias Sociales, línea de Antropología), Universidad de Salamanca, 2021.</p>
</div>
<div data-bbox=)

GRASSI, E.; LORCH, M. **Umanesimo e retorica. Il problema della follia.** Módena: Mucchi, 1988.

GRASSI, E. **Vico y el humanismo:** Ensayos sobre Vico, Heidegger y la retórica. Barcelona: Anthropos, 1999.

MAIA, E. C.; CHAGUACEDA ALONSO, F. J. Repensando la tradición humanista: La encrucijada entre literatura y filosofía. Una entrevista a Francisco José Martín. **Disputatio.** Philosophical Research Bulletin 4:5: p. 353-365, 2015.

MARÍAS, J. Adiós a Gilberto Freyre, **La Vanguardia**, Barcelona, 24 jul. 1987. Tribuna, p. 5.

MARTÍN, F. **La tradición velada: Ortega y el pensamiento humanista.** Editora Biblioteca Nueva: Madrid, 1999.

MERMALL, T. **La retórica del humanismo: la cultura española después de Ortega.** Madrid: Taurus, 1978.

SÁNCHEZ ESPILLAQUE, J. **Ernesto Grassi y la filosofía del humanismo.** Sevilla: Fénix Editorial, 2010.

Recebido em: 15/11/2022.

Aceito em: 26/07/2023